

# POR UMA METODOLOGIA DA ENCRUZILHADA E O PESQUISADOR CAMBONO, REFLEXÕES A PARTIR DA UMBANDA

---

## FOR A CROSSROADS METHODOLOGY AND THE CAMBONO RESEARCHER, REFLECTIONS FROM UMBANDA

---

**Thayfani Santos**

**Paula Cristina Somenzari Almozara**

---

ARTE CONTEMPORÂNEA  
IMPACTOS PSÍQUICOS  
PANDEMIA  
PROCESSOS DE CRIAÇÃO  
UMBANDA

O artigo propõe refletir sobre uma metodologia decolonial por meio da arte e espiritualidade como refúgio, como forma de lutar e resistir contra o apagamento das memórias coletivas e individuais, sobretudo, no momento contextual de crise e trauma de Covid-19 no Brasil e no mundo. Para isso, partimos de experiência que valoriza o processo e as vivências que os saberes da Umbanda oferecem. Sob essa perspectiva, foram elencadas as dimensões da crise humanitária, subjetiva e psíquica em que estamos inseridos, resultando em uma proposta sobre a ideia de uma metodologia da encruzilhada e o pesquisador cambono.

---

CONTEMPORARY ART  
PSYCHIC IMPACTS  
PANDEMIC  
CREATION PROCESSES  
UMBANDA

The article proposes to reflect on a decolonial methodology through art and spirituality as a refuge, as a way of fighting and resisting the erasure of collective and individual memories, especially in the context of the crisis and trauma of Covid-19 in Brazil and in the world. For this, we start from an experience that values the process and the experiences that Umbanda's knowledge offers. From this perspective, the dimensions of the humanitarian, personal, and psychic crisis in which we are inserted were listed and generated in a proposal on the idea of a crossroads methodology and the cambono researcher.

---

**ISSN** 1518–5494

**ISSN-E** 2447–2484

## INTRODUÇÃO: A PANDEMIA DE COVID-19 E AS FERIDAS ABERTAS

Atualmente partilhamos a experiência de viver em uma situação de vigilância extrema em consequência da crise de Covid-19 e que interfere em todas as dimensões pessoais, sociais e institucionais. A crise que se instalou há mais de dois anos, afeta psicologicamente a forma como enfrentamos nosso dia a dia, provocando indesejáveis situações em nossos modos de viver e a partir dos quais podemos inferir algumas questões que estão patentes nas ideias sobre as tecnologias de poder, de linguagem, de si e de produção (FOUCAULT, 2004). Sendo assim, de acordo com Michel Foucault, essas tecnologias são controles disciplinares, gestões de como viver e modos de gerir o mundo de acordo com os interesses de governabilidade de um sistema sustentado pelo neoliberalismo. Considerando a situação brasileira, tais interesses conduziram a uma mortandade sem precedentes na história do país e agravada pela forma como as imposições de controle de narrativas perpetuam uma falácia governamental em torno de *fake news*, um sistema, enfim, baseado na ideia de necropolítica (MBEMBE, 2018).

A crise de Covid-19 expõe as feridas abertas de uma sociedade que ainda está amarrada às imposições coloniais e perversas de estratificação social e racial que impelem a um modo de viver baseado no inalcançável, na incompletude e no consumo exacerbado como forma de estabelecer o status social e o sucesso sobre os outros e acima de todos.

O que revela de modo escancarado a fragilidade dos sistemas de gestão socioeconômicos em sua inteira crueza: destaca as pobres, classifica os indivíduos pelas suas posses materiais ou pela falta de qualquer possibilidade de acesso material e impulsiona uma violência que se estabelece pela diferença. Estamos, portanto, não em uma crise somente sanitária, estamos imersos em crises políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas (BIRMAN, 2020) que apenas foram desveladas de modo mais enfático pela crise sanitária e ao atravessar todas estas dimensões, nos encontramos também em uma crise psíquica.

Ao revelar o jogo de força dos sistemas que regem o mundo geopolítico e as formas de ser e estar nele, observamos uma sociedade que agoniza, perante as incertezas e os riscos. Este percurso de dominação baseado na ideia de necropolítica e consumo compulsivo enfatizado pelo capitalismo aponta também para a ideia de transparência da *sociedade da aceleração* segundo o filósofo Byung-Chul Han (2012). A transparência é um modo sistêmico de controlar os sujeitos.

A sociedade da transparência, é uma sociedade positiva, sem conflitos e narrações. Ela recusa a negatividade e qualquer tipo de movimento que exija reflexão, pois qualquer *trabalho* de reflexão atrapalha o desempenho e a performance. O foco é na aceleração, dinamismo e flexibilidade dos sujeitos para com todas as suas experiências independente do assunto, da importância, de sua profundidade e dificuldade.

A pandemia faz parte desse emaranhado de normas violentas que constroem os sujeitos e as normatizações que os afetam, continuam se fortalecendo e se modificando de acordo com o interesse do sistema. A ausência das narrativas na vivência humana é uma forte característica desses modos de viver e é fortalecida nesta crise pandêmica todas as vezes que os sujeitos têm suas condições humanas anuladas por números, tabelas, gráficos e ausência de cuidados. Pois aqui, não existe espaço para os processos, desenvolvimentos e elaborações das experiências sociais e subjetivas:

A sociedade positiva tampouco admite qualquer sentimento negativo. Desse modo, esquecemos como se lida com o sofrimento e a dor, esquecemos como dar-lhes *for-*

ma. Para Nietzsche, a alma humana deve sua profundidade, grandeza e fortaleza precisamente ao demorar-se junto ao negativo. Também o espírito humano é um *nascimento doloroso*: “aquela tensão da alma na infelicidade que nela acende a fortaleza [...], sua inventividade e valentia no suportar, perseverar, interpretar, explorar a infelicidade e a tudo aquilo que só é presenteado a ela em profundidade, mistério, máscara, espírito, astúcia, grandeza não lhe foi presenteado sob o sofrimento, sob a disciplina do grande sofrimento”. A sociedade positiva está em vias de reorganizar a alma humana de uma maneira totalmente nova. No curso e empuxo de sua positivação, também o amor é nivelado em um arranjo de sentimentos agradáveis e de excitações complexas e sem consequências. [...] O amor é domesticado e positivado para a fórmula de consumo e conformidade, no qual todo e qualquer ferimento deve ser evitado. Mas sofrimento e paixão são figuras da negatividade. De um lado eles evitam a fruição do que não é negativo; de outro, em seu lugar entram perturbações psíquicas como esgotamento, cansaço e depressão, que remontam em última instância ao exagero de positividade. (HAN, 2017, p.18-20)

A ausência de narrativas de que Han fala é a ideia de que não temos justamente o espaço para a elaboração de narrativas, reflexões e de conhecimento de fato. Apenas existe excesso de informações e normas. Com o avanço da pandemia, ficou perceptível a não importância desses espaços para as individualidades. Quem sobreviveu, segue vivendo no novo normal sem a oportunidade de expor e compartilhar suas experiências pandêmicas. Fomos obrigados a atropelar nossos sentimentos, nossas perdas, nossos anseios e singularidades. Essa ruptura em nossas histórias é um problema nas linhas do trauma, da catástrofe e do desamparo.

A pandemia em curso representa o maior acontecimento sanitário ocorrido no mundo desde a gripe espanhola de 1918 e apresenta efeitos ainda mais catastróficos que a pandemia do HIV/aids nos anos 1980. Assim, colocou em suspensão todas as atividades sociais e econômicas na totalidade dos países, transformou de forma radical *formas de vida e de sociabilidade*, que remetem seja para relações singulares do sujeito com o seu corpo, seja para as relações plurais do sujeito com o Outro em diversos contextos, assim como nas mais diferenciadas formas de existência, nos registros real e simbólico. (BIRMAN, 2020, p.14)

No Brasil, a primeira contaminação por Covid-19 reconhecida pelo Estado foi no final de fevereiro de 2020<sup>1</sup>. Mesmo com o alerta da Organização Mundial da Saúde sobre o surto de Coronavírus no final de dezembro de 2019<sup>2</sup> e toda a Europa em estado de alerta e com números crescentes de casos, o Brasil manteve o carnaval daquele ano e passou a tomar medidas protetivas meses depois da primeira morte por Covid-19 no país, que aconteceu na primeira quinzena de março. É necessária essa breve retomada, para nos lembrarmos que a tragédia brasileira poderia ter uma redução de danos, se as autoridades tivessem seguido outros caminhos. O uso de máscaras de proteção tornou-se lei<sup>3</sup> no Brasil apenas no início de julho de 2020, enquanto em outros países já havia investimento em estudos sobre a imunização.

A vacina contra a Covid-19 no Brasil chegou para grupos prioritários no início de 2021 e a população geral recebeu sua primeira dose por volta de junho (a depender do Estado e das vacinas disponíveis). Com o início da vacinação, podemos perceber uma leve redução de casos e o desafogamento dos hospitais. Mas antes disso, vivemos em completa escuridão. Tivemos hospitais lotados que recém-nascidos ficaram

1. <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>>

2. <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>

3. <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.019-de-2-de-julho-de-2020-264918074>>

sem oxigênio. Nos cemitérios, os funcionários trabalhavam em turnos e valas foram abertas sistematicamente para enterrar os corpos das vítimas que se transformaram em números, enquanto as famílias não puderam se despedir.

Segundo o Ministério da Saúde, chegamos a mais de 600<sup>4</sup> mil mortos notificados a órgãos oficiais. Todos esses mortos, não tiveram uma despedida como um velório e muitos dos mortos que morreram de outras causas, acabaram não tendo também um velório, pelo risco de contaminação. Enquanto os números de casos e de mortos cresceram no Brasil, a fome voltou a assombrar. Chegamos a mais de 14 milhões de desempregados, a insegurança alimentar é crescente nos lares e o governo no período durante toda a pandemia não propôs uma política de combate aos problemas atravessados pela crise de forma consistente. Além do não planejamento de suporte financeiro à população ocorreu o atraso das compras das vacinas, e a uma onda negacionista propagando medicações ineficientes ao combate do coronavírus, e um posicionamento contra o distanciamento social com grave deboche da situação traumática que vivenciamos. O governo do período estabeleceu o que Joel Birman em “O trauma na pandemia do Coronavírus” chama de “o paradoxo a bolsa ou a vida” (2020, p.44), defendendo o fator econômico como preferência:

*Por que tal preferência?* Essa é a questão que se impõe de forma inexorável para nós. A resposta imediata é que tanto as perdas políticas, sociais e eleitorais quanto a paralisação das práticas econômicas implicariam as trajetórias futuras desses governantes, mesmo que a implementação prioritária dessas pautas, sem considerar devidamente o imperativo da vida, se mostrasse ineficaz do ponto de vista da produção e da comercialização, da economia propriamente dita. De fato, porções significativas das populações, em diversos países, mostraram que tinham medo de sair às ruas para não serem contaminadas, que estavam assustadas demais para frequentar estabelecimentos comerciais, além de temerem ambientes fechados, como os veículos de transporte coletivo e lojas. Portanto, não é suficiente abrir os espaços comerciais, se o público não responde a esse apelo de oferta de maneira consistente - uma vez que, para a lei da oferta funcionar, é necessário que a *procura* responda devidamente, em uma relação complementar. Assim, o humor da população é crucial para que essa conjunção se dê de maneira positiva, a começar considerando o *humor* mais fundamental nessa circunstância pandêmica, o *medo*. (BIRMAN, 2020, p.44)

Ainda para Birman, políticos conservadores - em sua obra ele também cita Donald Trump - escolheram a economia no lugar da vida, promovem o mecanismo do recalque, a negação elaborada por Freud. Essa negação “promove a *divisão psíquica* em fragmentos incomunicáveis” (BIRMAN, 2020, p. 2020).

A assunção do imperativo da bolsa no lugar do imperativo da vida, implica um ato perverso e cruel. De acordo com esses cálculos políticos e eleitorais conservadores preferiram sacrificar milhares de vidas e empilhar os cadáveres dos seus cidadãos a se importar com o que é de fato digno de valor: “a vida de cada um, em sua singularidade inigualável e incomparável. (BIRMAN, 2020, p.52).

O ensaio do psicanalista Joel Birman produzido no início da pandemia aponta situações encontradas no país ainda atualmente. Além disso, demonstra por meio da análise do comportamento do ex-presidente e das consequências da crise de Covid-19, as

tecnologias de poder, que abordamos no início desse texto contextualizado, em atuação em nossa sociedade. Como também observa a negação, como instrumento de excluir as narrativas que o filósofo Han aborda em seu trabalho.

A pandemia de Covid-19 é o corolário da ação exploratória humana da natureza que tomamos como nossa, sem considerar que fazemos parte dela. Hoje, fomos obrigados a nos adaptar a ela, para não atrapalhar o andamento da economia neoliberal. Essa crise desvelou os adoecimentos do mundo e as feridas abertas das sociedades. E ao nos depararmos tão explicitamente com essas feridas cada vez mais profundas, sem termos a oportunidade de nos curarmos e estando cada vez mais sozinhos, desamparados em sentidos coletivos e singulares, os impactos sentidos em nossos corpos e vidas deixarão rastros profundos em nossa saúde psíquica.

Logo nos primeiros meses de pandemia e no contexto de uma pesquisa interdisciplinar deu-se o encontro entre a arte, a pesquisa e a escrita baseada em vivências individuais e coletivas. A partir desse encontro, foi possível pensar sobre dirimir as ausências, a negação, o recalque coletivo que vivemos e apresentar narrativas, gerar pensamentos críticos, em um contexto no qual pode-se pensar em uma metodologia disruptiva decolonial a partir da ideia de encruzilhada e do cambono como elementos que fundamentam novas práticas de pesquisa.

### **A LUTA PELO NÃO ESQUECIMENTO: O SABER DAS ENCRUZILHADAS**

*“Um saber encantado é aquele que não passa pela experiência da morte. A morte é aqui compreendida como o fechamento de possibilidades, o esquecimento, a ausência de poder criativo, de produção renovável e de mobilidade: o desencantamento.”*

LUIZ ANTÔNIO SIMAS E LUIZ RUFINO, 2018.

Para Paul Ricoeur (2003), as memórias são formas de reapropriação de um passado que a história muitas vezes feriu (2003, p. 01). A memória ocupa um espaço de reconstrução, é mais que um objeto da história, pois ainda segundo Ricoeur (2003, p. 05) "Além disso, a história pode introduzir comparações que tendem a relativizar a unicidade e o caráter incomparável de memórias dolorosas".

Dessa forma, dentro deste contexto pandêmico e outros, a memória é recurso contra o esquecimento das narrativas que são subtraídas sob a perspectiva neoliberal que nos controla. A partir dessas reflexões, utilizamos a arte e a espiritualidade como formas de recorrer a um refúgio, a um espaço de acolhimento e entendimento dessas memórias.

Com isso, encaminha-se aqui a ideia de que a Umbanda é uma religião que vive de memórias. É no chão do terreiro que ao falar com nossos ancestrais podemos encontrar a resposta no hoje, um chá de cura, um banho para dormir melhor, um benzeamento para acalmar a alma. Além disso, a sobrevivência da Umbanda em um país no qual o racismo estrutural impera é uma forma de resistência e denúncia. São nos encantamentos da Umbanda que foi possível conectar, produzir arte e construir uma metodologia de pesquisa decolonial.

Encruzilhadas é uma referência ao livro *“Fogo no mato - A ciência encantada das macumbas”* (2018), de Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino. O livro, em resumo, propõe

um Brasil que não fica no Ocidente, mas sim em uma encruzilhada. E é nas encruzilhadas que as trocas acontecem: nos caminhos dos mercados, nos encontros das águas e nos entrelaçamentos das matas. Para os autores, conhecimento se adquire com a experiência.

Pensar em uma metodologia de pesquisa decolonial, é direcionar os métodos para esses saberes. Usualmente, nós - artistas pesquisadores - estruturamos a metodologia de nossas pesquisas com o suporte teórico de pesquisadores que se tornaram referências quase hegemônicas na academia e na pesquisa em arte. Porém, ao olharmos para os saberes do terreiros de Umbanda, refletimos sobre possíveis reconstruções em nossos métodos. Os autores de “Fogo no Mato” (2018), chamam essa ruptura de “síncope”:

A partir dessas percepções, podemos concluir que a perspectiva da encruzilhada como potência do mundo está diretamente ligada ao que podemos chamar de culturas de síncope. Elas só são possíveis onde a vida seja percebida a partir da ideia dos cruzamentos de caminhos. A base rítmica do samba urbano carioca é africana e o seu fundamento é a síncope. Sem cair nos meandros da teoria musical, basta dizer que a síncope é uma alteração inesperada no ritmo, causada pelo prolongamento de uma nota emitida em tempo fraco sobre um tempo forte. Na prática, a síncope rompe com a constância, quebra a sequência previsível e proporciona uma sensação de vazio que logo é preenchida de forma inesperada (SIMAS; RUFINO; 2018, p.18).

Simas e Rufino também apontam o Atlântico como uma encruzilhada, onde nesse oceano ocorreu a reconstrução e reinvenção de indivíduos, “experiências de ancestralidade e de encantamento” (SIMAS; RUFINO; 2018, p.11). A estratégia do colonialismo para o esquecimento de saberes dos terreiros, das vielas, morros e das matas é a imposição da normatividade ocidental, inserindo todos esses saberes em um lugar subalterno.

[...] A agenda colonial produz a descredibilidade de inúmeras formas de existência e de saber, como também produz a morte, seja ela física, através do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial. Nos cruzos transatlânticos, porém, a morte foi dobrada por perspectivas de mundo desconhecidas das limitadas pretensões do colonialismo europeu-ocidental. Elas são as experiências de ancestralidade e de encantamento. Para grande parte das populações negro-africanas que cruzaram o Atlântico e para as populações ameríndias do Novo Mundo, a morte é lida como espiritualidade e não como conceito em oposição à vida. Assim, para a perspectiva da ancestralidade só há morte quando há esquecimento, e para a perspectiva do encantamento tanto a morte quanto a vida são transgredidas para uma condição de sobrevivência. (SIMAS; RUFINO; 2018, p.11)

O terreiro é lugar de uma ciência encantada e onde o corpo do outro é morada da memória. É um lugar de transgressão da violência sistêmica por meio da cura, do cuidado e do acolhimento. Direcionar nossos olhares para esses saberes foi um estopim para nossos próprios métodos de pesquisa, de ser e viver no mundo. Ainda segundo os autores, esse novo direcionamento é um reposicionamento ético e que recai consequentemente nas formas das produções de conhecimento. Produzir sob a metodologia da encruzilhada, é aceitar o erro e o acerto que encontramos no campo do movimento,

5. Segundo Luiz Antonio Simas em "Umbandas: Uma história do Brasil" (2022), Exu tem um significado amplo no culto aos orixás. Criado por Olodumare (criador supremo), ele carrega a singularidade de ser o grande ancestral. No imaginário cristão é confundido com o demônio por conta de seus domínios se estabelecerem nas trocas, nas ruas e encruzilhadas e, pela subalternização dos cultos negro-africanos e ameríndios. Mas Exu possibilita aos seres o movimento, a comunicação e "está presente em tudo o que existe" (SIMAS, p. 163).

6. A assistência nos terreiros é o grupo de pessoas que visitam a casa para conversar com as entidades, com o pai de santo ou apenas para acompanhar a gira. Não fazem parte da corrente de médiuns e nem dos trabalhos das casas.

da vida. Seguindo os princípios de Exu<sup>5</sup>, pois ele "é o princípio dinâmico fundamental a todo e qualquer ato criativo" (SIMAS; RUFINO; 2018, p.20).

Haveremos de nos inspirar em Exu para praticarmos estripulias nos conhecimentos, na vida e na arte. Exu é caminhante, vagabundeia pelo mundo, na importante missão de dotar-se, paradoxalmente, de potentes irrelevâncias. (SIMAS; RUFINO; 2018, p.23)

Como método de pesquisa e produção artística, abraçamos o inacabamento das coisas, nos relacionamos com a impermanência e finalmente elaboramos um olhar para os nossos processos com sentimento e sentido, podemos nos atrever a dizer com mais carinho.

### O PESQUISADOR CAMBONO

Produzir arte e pesquisar arte sob a perspectiva das encruzilhadas, dentro de um chão de terreiro, envolve o olhar, a escuta e os batuques. Ao escolher a paciência, observar a si e os outros, seja no terreiro, ou na vida, ou na arte, escolhemos o inacabamento e as dores que tudo envolve.

O fato é que a humanidade sempre encarou os caminhos cruzados com temor e encantamento. A encruzilhada, afinal, é o lugar das incertezas, das veredas e do espanto de se perceber que viver pressupõe o risco das escolhas. Para onde caminhar? A encruzilhada desconforta; esse é o seu fascínio. O que dizemos dessa história toda é que as nossas vidas nós mesmos encantamos. Há que se praticar o rito; pedimos licença ao invisível e seguimos como herdeiros miúdos do espírito humano, fazendo do espanto o fio condutor da sorte. Nós que somos das encruzilhadas, desconfiamos é daqueles do caminho reto. (SIMAS; RUFINO; 2018, p.24)

Simas e Rufino, abordam nesse mesmo livro o termo "pesquisador cambono". Em síntese, o cambono nos terreiros auxilia o pai de santo e as entidades, além de cuidar do espaço, da assistência<sup>6</sup>, dos registros, ou seja, trabalha na interlocução do terreiro. Essa prática da cambonagem, segundo os autores, é um saber aberto, pois o cotidiano dos terreiros demanda um olhar para o inacabamento. Dessa forma, os autores traçaram uma relação entre a prática da pesquisa e com o símbolo do cambono, "o pesquisador cambono deve estar de corpo aberto para afetar-se por algumas (lógicas) que lhe cruzarão" (Idem. 2018, p.36).

Uma prática de pesquisa pautada no cruzo, na encruzilhada, sob a perspectiva do encantamento, é uma prática que olha para a compreensão da diversidade do mundo e das potências criativas (SIMAS; RUFINO; 2018, p. 34):

[...] O alargamento do presente, a coexistência de outras cosmovisões e temporalidades e o conhecimento como prática de autoconhecimento são indicações de possibilidades, a partir do exercício do cruzo e das encantarias versadas em seus entroncamentos. (SIMAS; RUFINO; 2018, p.34)

Dessa forma, assumimos os cruzos e a cambonagem como método. Uma série fotográfica de experiência em um terreiro de Umbanda narrada a seguir a ideia de uma

pesquisa visual onde a encruzilhada se fez método e objetivo, entrelaçando-se no tema que deu sentido à luta contra o esquecimento.

## REFÚGIO: UMA NARRATIVA PESSOAL NESSE PROCESSO DE PESQUISA DAS ENCRUZILHADAS <sup>7</sup>

*(...)Se posso arrancar da paralisia e da confusão um outro modo de escrita, preciso escrever sem garantias de que escrever mostrará as saídas; escrever com o risco de mergulhar em espiral negativa e me afogar no ar seco da dúvida. Preciso não escrever, mas insisto e escrevo.”*

(JOTA MOMBAÇA, NÃO VÃO NOS MATAR AGORA. CAPÍTULO: O MUNDO É MEU TRAUMA, P. 27)

**7.** Aqui a narrativa se altera para uma experiência pessoal de uma das autoras e que evoca o sentido primordial dessa pesquisa encruzilhada, uma voz que é única, mas que representa tantas outras. E que trata de uma produção artística autoral que é o fundamento da pesquisa em arte realizada.

**8.** Linha de trabalho da Umbanda: os pretos velhos são entidades ancestrais caracterizadas pela sabedoria que emanam.

**9.** É necessário acrescentar que durante todo meu período depressivo, fui assistida por um profissional de saúde mental e me encontro em tratamento medicamentoso e terapêutico.

**10.** Oxalá está ligado à criação do mundo e da humanidade. No sincretismo sua energia é aproximada a figura de Jesus Cristo.

No início de janeiro de 2021, em um domingo à noite ao chegar em casa senti um cheiro de café pelos cômodos. Achei estranho e comentei com a minha mãe, que também sentiu o aroma, mas não tinha feito café naquela hora. Saí no quintal para ver a noite e lá o cheiro de café ficou muito forte. De alguma forma eu sabia que não podia explicar o que estava acontecendo, mas me senti feliz.

Nessa mesma noite, antes do ocorrido, eu havia conversado com a mãe de um amigo, ela me ouviu por horas contar sobre o meu processo de entendimento sobre ter tido meu corpo invadido. Eu vivo um longo ir e vir com a depressão e naquela época estava apresentando sintomas de adoecimento novamente. Após me ouvir, essa mulher disse que iria pedir para os seus guias me protegerem. Ao chegar em casa, senti o estranho cheiro de café. Conte para ela sobre o aroma por mensagem no celular, ela disse que era a sua mentora me curando, Vó Catarina, preta velha <sup>8</sup>.

Eu demorei um ano para chegar em um terreiro de Umbanda depois desse acontecido. Nesse período adoeci de uma forma que nunca havia acontecido. Eu não conseguia ficar acordada, perdia as memórias de acontecimentos recentes e vivia dopada de medicações psiquiátricas. Foi um ano triste. No final de 2021, sonhei com um conhecido e no sonho, algo me disse que eu deveria perguntar a ele se conhecia algum terreiro de Umbanda para me apresentar. Coincidência ou não, no dia seguinte ele me comunicou que trabalhava na corrente de um terreiro de nossa cidade. Desde então, estou há um ano frequentando a casa.

Foi no encontro com o terreiro, que encontrei paz psíquica. Nesses tempos tão brutais de crise e desamparo, que vivi coletivamente e de retorno ao passado que explorei de forma individual, surgiu um movimento - mesmo que sutil - pela busca e resistência ao afogamento e à morte da minha história <sup>9</sup>.

Em “O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente” (2021), Han classifica a importância dos rituais como formas de buscar refúgio e aborda as Festas e Religiões dentro dessa busca: “Rituais podem ser definidos como técnicas simbólicas de encasamento. Transformam o estar-no-mundo em um estar-em-casa. Fazem do mundo um local confiável” (HAN, 2021, p.10-11).

Desde quando encontrei meu caminho na Umbanda, senti outras vezes cheiro de café pela casa, ouvi meu nome ser chamado na mata e senti Oxalá <sup>10</sup> tocar meu rosto em um nascer do sol. Me aproximei das pessoas que frequentam o terreiro e como



11. "(...) o orixá cultuado nos candomblés como divindade da caça e da fartura, representado pelo ofá (o arco e a flecha do caçador). Em seu mito mais famoso, Oxóssi matou com uma flechada o pássaro da maldade, enviado por poderosas feiticeiras para espalhar a fome entre o povo." (SIMAS, 2022, p. 165)

12. Optou-se na legenda pelo título de imagem no lugar de figura, pois se trata de um ensaio visual baseado na pesquisa e não em um elemento meramente ilustrativo.

uma família, dividimos velas, frutas, bolos, milho e farofas. Além do simbólico, dividimos anseios e procuramos afago no abraço das entidades.

Toda sexta à noite, deixei minha casa e minhas redomas simbólicas - medos, anseios e sabotagens, encontrei um povo que nos recebia sem interesse financeiro, dispostos a ouvir e aconselhar. Depois de ser consumida pelas valas abertas, pelo desemprego e quase morte, voltei a acreditar na vida.

As fotografias a seguir foram realizadas no dia 24 de janeiro de 2023, em uma festa no terreiro em homenagem ao Orixá Oxóssi<sup>11</sup>. Segundo Han, a festa e a arte conservam a vida, aproxima os humanos e tudo aquilo que é divino (2021). De alguma forma, seja pelo método aberto proposto pela artista Sandra Rey (2002), uma pesquisadora referenciada, ou pelas encruzilhadas, esse processo em arte aconteceu fechando um ciclo doloroso que sobrevivi. E além de um fechamento, é também um aniversário e um recomeço: aniversário de um ano dentro do terreiro e um recomeço, onde ao olhar para trás cuidei das memórias, para construir novos encantos.



Imagem 1. Refúgio, série de fotografias, 2023. Autor/a. Arquivo pessoal<sup>12</sup>.



Imagens 2-9. Refúgio, série de fotografias, 2023. Autor/a. Arquivo pessoal.



Imagens 10–17. Refúgio, série de fotografias, 2023. Autor/a. Arquivo pessoal.



Imagens 18–24. Refúgio, série de fotografias, 2023. Autor/a. Arquivo pessoal.

13. Divindade ligada à doença e à cura, conhecido no Brasil como Rei da Terra.

### INACABAMENTO

A memória escapa, mas de acordo com a psicanálise esquecemos menos do que pensamos ou cremos (RICOEUR, 2003). Com isso, o corpo vai ao encontro das experiências para em busca de refúgio, seguindo um caminho que também é daqueles que aqui já pisaram, sorriam e cantavam.

A canção Obaluaê<sup>13</sup>, dos artistas Felipe Catto e Serena Assumpção aqui transcrita é uma forma de respeito e sentimentos a todos aqueles que sofreram e sofrem nos últimos anos de tempos brutais de Covid-19. Que o rei da Terra nos acolha e cure.

*Senhor da terra das chagas do amor  
Na pele as palhas que amenizam a dor  
Abraço-te pra pedir sua benção sua luz  
E neste caminho São Omolu me conduz*

*Senhor da terra das chagas do amor  
Na pele as palhas que amenizam a dor  
Abraço-te pra pedir sua benção sua luz  
E neste caminho São Omolu me conduz*

*Caviongô santas Almas do mar  
Pai Omolu que chegou pra dançar  
Atotô Obaluaê*

*Caviongô santas Almas do axé  
Pai Omolu que chegou pra benzer  
Atotô Obaluaê*

### REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. 1ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2020. ISBN 978-65-5802007-3
- BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs). O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002
- FALCI, Carlos. Imagens da memória: a pandemia nas projeções urbanas. In Revista Rumores, nº29, volume: 15, 2021. p. 160-176. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/185209>
- FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si (1982); tradução André Degenszajn; In Revista Verve semestral autogestionária do Nu-Sol, volume: 06, 2004. p.321-360. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017>
- HAN, Byung Chul. Sociedade da transparência. Editora Vozes, 2017.
- \_\_\_\_\_. O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente. Editora Vozes, 2021.
- KLINGER, Diana. Escrita de si como performance, In Revista Brasileira de Literatura Comparada, volume 10, nº12, 2018. p. 11-30. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/178>
- LANCRI, Jean. Modestas proposições sobre as condições de uma pesquisa em artes plásticas na universidade, In O meio como ponto zero: Metodologia da pesquisa

- em artes plásticas. BRITES, Blanca. TESSLER, Elida (Orgs). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 15-34 ISBN: 85-7025-624-8
- MBEMBE, Achielle. Necropolítica, In Arte & Ensaios, UFRJ, Nº32, 2016
- MEIRELES, Cecília. Os melhores poemas de Cecília Meireles / seleção Maria Fernanda - 14ª ed. São Paulo: Global, 2002. ISBN 978-85-260-0294-4
- REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: O meio como ponto zero: Metodologia da pesquisa em artes plásticas. BRITES, Blanca. TESSLER, Elida (Orgs). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 123-140 ISBN: 85-7025-624-8
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SIMAS, Luiz Antonio. Umbandas: uma história do Brasil. 4ªed - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. ISBN 978-65-5802-044-8
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas. 1. ed. - Rio de Janeiro: Mórula, 2018. ISBN: 978-85-65679-76-3
- TAFFAREL, Marina de Moraes; INOCÊNCIO, Raísa. Uma reza para o que há de vir. In: Revista PHILIA - Filosofia, Literatura & Arte. Porto Alegre, v. 2, número 2, p. 739-755, 2020.
- ZAMPERETTI, Maristani Polidori (2011). A experiência, o corpo e a memória na escola - Reflexões no ensino das artes visuais para crianças. In Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, ano 2, v. 19: 173-188 [Consult.2020/11/25] Disponível em URL: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2080>

### **THAYFANI SANTOS**

Artista visual e educadora. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação de Linguagens, Mídia e Arte (PPG-LIMIAR) na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Desenvolve a pesquisa sobre processos de criação artística e poéticas visuais, sob a orientação da artista visual e professora Dr<sup>a</sup> Paula Cristina Somenzari Almozara. É graduada em Licenciatura em Artes Visuais (2020) pela mesma universidade. <http://lattes.cnpq.br/2805040422118441>

### **PAULA CRISTINA SOMENZARI ALMOZARA**

Paula Cristina Somenzari Almozara é artista visual, pesquisadora e professora em regime de dedicação exclusiva 40h na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, atua na Faculdade de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte. É bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq - nível 2.